



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JOSÉ ALEXANDRE MARCOLINO DOS SANTOS MORAIS

ARTE E RELIGIÃO NA ESCOLA: o desenho como didática no
Ensino Religioso

João Pessoa – PB
2025

JOSÉ ALEXANDRE MARCOLINO DOS SANTOS MORAIS

**ARTE E RELIGIÃO NA ESCOLA: o desenho como didática no
Ensino Religioso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências das Religiões, sob orientação da professora Dr.^a Rita Cristiana Barbosa.

**João Pessoa – PB
2025**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M827a Morais, José Alexandre Marcolino dos Santos.
Arte e religião na escola: o desenho como didática
no ensino religioso / José Alexandre Marcolino dos
Santos Morais. - João Pessoa, 2025.
56f. : il.

Orientação: Rita Cristiana Barbosa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Ciências das religiões. 2. Ensino religioso. 3.
Prática pedagógica. I. Barbosa, Rita Cristiana. II.
Título.

UFPB/CE

CDU 2:37(043.2)

ARTE E RELIGIÃO NA ESCOLA: o desenho como didática no Ensino Religioso

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 RITA CRISTIANA BARBOSA
Data: 04/06/2025 09:46:02-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Rita Cristiana Barbosa
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 ALYSSON BRABO ANTERO
Data: 04/06/2025 16:06:36-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura: _____

Prof^a. Ms. Alysson Brabo Antero

Documento assinado digitalmente
 RENATA TATIANNE DE LIMA SILVA
Data: 04/06/2025 21:41:01-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura: _____

Prof^a. Ms. Renata Tatianne de Lima Silva

João Pessoa, 05 de maio de 2025.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo este trabalho de forma inicial a uma ex-professora hoje doméstica, um vigilante de usina *In memoriam*, uma mãe solteira e a uma criança de 4 anos, que sempre me incentivaram, no decorrer desta vivência acadêmica, a continuar, a me esforçar quando o mais fácil era desistir. Estes são minha mãe, meu pai, minha irmã e meu sobrinho.

Aos três mosqueteiros, Ivanildo, Rosania e Ricardo, que ultrapassaram o curso para a o dia a dia, sempre perguntando como estava o TCC, se precisava de algo, dando uma força quase sobrenatural.

Também a eterna gratidão a três professores, ao Dr^o Thiago Aquino, que primeiro observou as artes e convidou para uma extensão sua no hospital universitário, uma experiência maravilhosa; as professoras Dr^a Fernanda Lemos e Dr^a Kelly Thaysy, que ousaram em que as artes produzidas pudessem estar na ANPTECRE, e capa de livros.

Agradeço aos demais professores, que enxergaram as artes, de forma diferentes e a todos que foram contagiados pelo significado dos desenhos, muitas das vezes ressignificando o sentido, mas sempre tendo neles uma ideia carregada de símbolos.

Gratidão a minha esposa, que com um olhar crítico, estava vendo os erros ortográficos, e corrigindo; a qual neste trabalho ajudou e auxiliou, desde lápis e folhas, até as correções ortográficas, sempre presente, mesmo pelos “aperreios” nas correções, mas fazia com gosto, muitas vezes cansada, com a vida do proletariado, mas sempre disponível; participando dessa minha formação acadêmica, companheira de loucuras e da vida.

Sem esquecer, agradeço a todas as professoras e professores supervisores; Lúcia: Maria José, Janaína, Maysa e Robertino. Na formação auxiliando e entendendo: o ensino infantil, colocando a noção da importância de ouvir a criança; o fundamental I, em que os alunos, são capazes de produzir arte, primeiro laboratório deste projeto; o fundamental II, o qual a professora sempre incentivou a continuar nesta missão, como frases como: “é difícil, mas é bonito”; o ensino médio, exercitando a interdisciplinaridade, o reencontro do estágio, ensinando através da fofoca; e o EJA, muito invisibilizado mas frutífero.

Aos demais professores que acompanharam e os reencontros que a sala de aula nos proporciona, fazendo rever as gerações educacionais, e os diálogos em melhoria da educação.

E também a professora Dr^a Rita Cristiana, que acompanhou desde a época da pandemia, que sempre foi uma mãezona apoiando coisas que ao olhar de muitos parecia impossível, uma conselheira. Gratidão pelos “puxões” de orelha, pelas conversas e, muitas vezes, desabafos; a sua disponibilidade, sempre estando atenta às indagações.

Finalizo agradecendo, ao menino paraibano, da periferia da cidade de Bayeux, fruto de uma educação pública, constantemente na luta diária, que soube o que é dar valor ao pouco, sem muitas das vezes ter o muito, e esse pouco conquistado com muita luta; que se tornar capaz de entender o que é a vida, necessita sair para conquistar, que mesmo com as doenças e necessidades especiais, não se abateu, soube levantar; moldando hoje a pessoa que sou.

EPIGRAFE

“Nessa estrada, não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá.
O fim dela, ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar.
Vamos todos
Numa linda passarela
De uma aquarela que, um dia, enfim,
Descolorirá”

Toquinho - Aquarela

RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar como o desenho pode se tornar material didático voltado ao Ensino Religioso (ER). O uso de desenhos produzidos pelos alunos, pode se tornar solução para a escassez dos materiais didáticos na área do ER, demonstrando a autonomia do discente com a mediação do professor, sendo este o elo do resultado da produção. Trata-se de um relato de experiência enquanto licenciando em ER, seguindo a proposta da a/r/tografia, em que o professor é, ao mesmo tempo, docente, artista e pesquisador. A comunicação entre autores de áreas diversas como, Belidson Dias, Fritz Kaufmann, Maria Betânia da Silva, Maria José Torres Holmes, Paulo Freire, Robson Xavier da Costa, entre outros, dão embasamento ao trabalho. A pesquisa foi tipo exploratória, de abordagem qualitativa, resultando num relato de experiência, com dados analisados pelo método da análise de conteúdo. Os resultados demonstram que o desenho é capaz de dialogar com o ER, de forma que os alunos possam refletir, criticar, ou até refazer a arte, ressignificando, com seu jeito próprio de compreender. Conclui-se que arte e ER podem caminhar juntos e que o desenho pode ser um excelente material didático, facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chaves: Ciências das Religiões; ensino religioso; prática pedagógica; desenho, a/r/tografia.

ABSTRACT

The objective of this work is to report how drawings can become teaching materials for Religious Education (RE). The use of drawings produced by students can become a solution to the shortage of teaching materials in the area of RE, demonstrating the autonomy of the student with the mediation of the teacher, who is the link to the result of the production. This is an experience report while a graduate in RE, following the proposal of a/r/tography, in which the teacher is, at the same time, a teacher, artist and researcher. The communication between authors from different areas such as Belidson Dias, Fritz Kaufmann, Maria Betânia da Silva, Maria José Torres Holmes, Paulo Freire, Robson Xavier da Costa, among others, provides the basis for the work. The research was exploratory, with a qualitative approach, resulting in an experience report, with data analyzed by the content analysis method. The results demonstrate that drawings are capable of dialoguing with RE, so that students can reflect, criticize, or even remake art, giving new meaning, with their own way of understanding. It is concluded that art and RE can go hand in hand and that drawing can be an excellent teaching material, facilitating the teaching-learning process.

Keywords: Religious Sciences; pedagogical practice; religious education; drawing, a/r/tography.

Lista de Ilustrações

Imagem 01 - São Jorge	31
Imagem 02 - Oxumaré	32
Imagem 03 - Personagem do cavalo marinho; Mateus e Bastião, capitão, soldado e o boi	32
Imagem 04 - Jonh Wesley	33
Imagem 05 - São José	33
Imagem 06 - Chico Xavier	34
Imagem 07 - Ailton Krenak	34
Imagem 08 - Os tabajaras	35
Imagem 09 - Maomé	35
Imagem 10 - Sidarta Gautama	37
Imagem 11 - Descrição da aluna sobre a imagem de Sidarta	37
Imagem 12 - Martinho Lutero	38
Imagem 13 - Releitura do desenho de Lutero	38
Imagem 14 - São João Batista	39
Imagem 15 - Releitura do desenho de São João feito por um aluno	39
Imagem 16 - Gunnar Vingren e Daniel Berg fundadores da assembleia de Deus no Brasil	40
Imagem 17 - Releitura do desenho dos fundadores da assembleia por uma aluna	40
Imagem 18 - Indígena a observar	41
Imagem 19 - texto de uma aluna sobre a imagem	41
Imagem 20 - Releitura sobre o desenho do indígena	41
Imagem 21 - Desenho da Monja Coen	42
Imagem 22 - Texto que expressa a imagem da Monja Coen	42
Imagem 23 - Desenho de Mãe Rita Preta rodeada de Oya e Oxalá	43
Imagem 24 - Texto sobre a imagem de Mãe Rita	43
Imagem 25 - Nossa Senhora da Conceição	44
Imagem 26 - texto sobre a imagem de Nossa Senhora da Conceição	44
Imagem 27 - Desenho da fuga da família de Nazaré para o egito	45

Imagem 28 - Texto sobre o desenho da fuga da família de Nazaré	45
Imagem 29 - Imagens produzida em conjunto professora, estagiario e alunos; no quadro negro com base a musica aquarela de toquinho (estágio supervisionado VI).	46
Imagem 30 - Desenho produzido pela aluna, na regência do estágio IV, qual indagava a sua trajetória e o que via de religioso no caminho.	47
Imagem 31 - Estágio supervisionado IV segunda regência, na visão da criança o que era o mundo em desenhos.	47
Imagem 32 - Estágio supervisionado IV segunda regência, na visão da criança o que era o mundo em desenhos	48

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 O artista, uma divindade; a arte, um sagrado	16
2.2 A arte que denuncia e anuncia	18
2.3 Arte e Ensino Religioso: percebendo elementos da formação	19
2.4 A arte como fonte de pesquisa	26
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
4.1 Atividades realizadas tendo a arte como material didático	34
4.2 Atividades realizadas tendo a arte como inspiração do alunado	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
6. REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho é expor o uso de desenhos artísticos no Ensino Religioso escolar, conferindo conexão entre arte e religião.

A arte e a religião tem uma ligação com a ideia do belo e da manifestação, seja do sagrado ou com a questão da inspiração, a qual o artista dialoga com a espiritualidade de tal forma, que uma influencia a outra, assemelhando a uma dança.

A arte pode se manifestar como algo “sagrado”, que é a inspiração do indivíduo artista, que transforma a inspiração em visível. Dias (2018, p.02) afirma que “o aspecto da visualidade [...] se refere a como nós olhamos o mundo, sendo, pois, particularmente relevante para a construção da representação do conhecimento”.

Então, com essa representação, o artista coloca sua liberdade de olhar o cotidiano, propagando um retorno, ao mesmo tempo sendo crítico, como também mostrando de forma pré-visualizada símbolos e gestos, podendo estar repassando algo que vai além da obra. Se a arte pode se transformar tanto na expressão criativa subjetiva da espiritualidade, certamente poderá também ser instrumento didático para trabalhar diversos conteúdos da área do Ensino Religioso.

Diante disso, se emerge a seguinte problemática: é possível pensar na relação entre arte e religião na escola? Como desenhos artísticos podem ser úteis para o Ensino Religioso escolar?

A problemática surgiu a partir de minhas atuações nos Estágios Supervisionados em Ensino Religioso, do Curso de Licenciatura em Ciências das Religiões, na UFPB. A cada nova experiência de regência, ora os desenhos serviam para que eu pudesse exemplificar e explicar melhor um conteúdo, ora se tornam atividade para os alunos.

O meu interesse por este tema deriva-se da evolução das experiências dos estágios, em que fui percebendo a importância que os desenhos estavam desempenhando nas práticas pedagógicas. Quando as aulas usavam desenhos para explicar sobre a ética, a cidadania e a compreensão das manifestações religiosas. Os alunos entendiam melhor, interagiam com

perguntas ou contando algo que vivenciaram ou conheciam, e até se inspiravam para desenharem também. A partir disto, foi iniciado a proposta de eles mesmos fazerem seus desenhos, para expressarem os conhecimentos construídos.

A Arte e o Ensino Religioso, muitas vezes são colocados como temas distintos, mas eles têm muito em comum, são componentes curriculares que podem se conectar. Com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017, as habilidades e competências a serem desenvolvidas nessas áreas de conhecimento têm um certo grau de aproximação e com isso podemos propor uma interdisciplinaridade, fazendo surgir um trabalho em conjunto nas escolas, e desmistificando temas complexos de ER com a ajuda de movimentos artístico.

No caso deste trabalho, usa-se o desenho como uma maneira de transposição didática¹, para temas que unem as duas áreas. Sendo também, uma forma de criar material didático para o ER, contando a participação dos alunos.

Segundo Fazenda (1998 p.08)

A prática da interdisciplinaridade, em qualquer nível, mesmo no plano da integração curricular, depende radicalmente da presença efetiva de um projeto educacional centrado numa intencionalidade definida com base nos objetivos a serem alcançados pelos sujeitos educandos.

Infere-se que o projeto de uma educação interdisciplinar, não deve ser algo do acaso, pelo contrário, deve haver um planejamento com intencionalidade pedagógica. Em outras palavras, deve-se responder: como vai ser feito? quem vai ser atingido? A respostas a essas indagações nos direciona a uma boa esquematização dos planos de aula.

Desse modo, este trabalho tem relevância para a área das Ciências das Religiões, especificamente para a formação docente em Ensino Religioso e as práticas pedagógicas, “O ensino religioso quer contribuir com a capacidade de ir além da superfícies das coisas” (Junqueira 2013 p.611) uma vez que conecta

¹ “A Transposição Didática é um “instrumento” pelo qual analisamos o movimento do saber sábio (aquele que os cientistas descobrem) para o saber a ensinar (aquele que está nos livros didáticos) e, por este, ao saber ensinado (aquele que realmente acontece em sala de aula).” Polidoro e Stigar (2008 p.153)

a arte de fazer desenhos com expressões de religiosidades e espiritualidades no contexto da sala de aula da educação básica.

O objetivo geral é: demonstrar como a arte de fazer desenhos pode ser útil para o Ensino Religioso escolar, tanto como material didático como proposta de atividades criativas. Os objetivos específicos são: relatar algumas experiências de sala de aula com o uso de desenhos artísticos em transposição didática e compreender os desenhos de criações diversas e suas conexões com elementos do Ensino Religioso.

Este trabalho se divide em três seções, a primeira mostra a fundamentação teórica, em suas subseções: O artista, uma divindade; a arte, um sagrado; apresentando o artista e sua comparação com a manifestação religiosa. A arte que denuncia e anuncia, que traz o silêncio ensurdecido das manifestações artísticas e a questão de apresentar, que sempre relata algo mesmo que no inconsciente. Arte e Ensino Religioso: percebendo elementos da formação, o diálogo entre os dois componentes curriculares e a vocação inter e transdisciplinar de ambos, colaborando mas cada qual com sua independência como áreas. A arte como fonte de pesquisa, aqui traz uma síntese que seja a *a/r/tografia*².

A segunda refere-se aos procedimentos metodológicos e decorre sobre a parte prática da pesquisa, como foi desenvolvida a transformação de desenhos em de material didático e como e quando foram realizadas.

A terceira seção, resultados e discussão é dividida em duas subseções: a primeira conta as atividades realizadas, tendo a arte como material didático, mostrando o desenho como recurso pedagógico em uma aula, e a segunda, atividades realizadas, tendo a arte como inspiração do alunado, instigando os docentes a produção própria de arte ou ruminando a crítica sobre a mesma.

Finalmente, e expressa a nas conclusões o resultado final da pesquisa e a escrita deste trabalho.

² A *a/r/tografia* é uma forma de saber que foi originada por Elliot Eisner em cursos de pós-graduação na Stanford University, nos Estados Unidos, entre os anos 1970s e 80s. Ele buscava a arte como o elemento essencial para o desenvolvimento de pesquisas (Dias 2018 p.06)

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O artista, uma divindade; a arte, um sagrado

A importância da arte para a comunicação social e o uso cada vez mais excessivo da tecnologia, traz novos conceitos de beleza, a qual a sociedade coloca para o povo, em sua maioria, modificando o fenômeno artístico no decorrer dos tempos. É a mesma forma de mutação das religiões, que se adapta de acordo com a necessidade dos tempos. Segundo Dias (2018, p. 02) “o fato de estarmos vivendo em um mundo tecnológico visual complexo onde as imagens transformaram-se em um produto essencial para nossa informação e conhecimento”.

A ligação do sagrado com o profano em uma linha tênue, é construída pelo sistema religioso. Será que o artista pode está em conexão com a sacralidade, humana ou divina? Segundo Kaufmann (2013, p.3), “o artista age sob a inspiração de um mandamento divino e que por meio de seu trabalho a humanidade recebe uma revelação.”

A inspiração desse artista e seu meio social são o fomento de uma inspiração em sua obra, reveladora para a manifestação da sacralidade, dando traços de uma revelação, que na inspiração pode ser encontrado o divino, com a humanidade. O artista se torna uma criatura criadora.

Segundo Kaufmann (2013, p.03) “o artista é denominado como segundo criador e o primeiro Criador, Deus, é ao contrário referido como o artista mundi – o artista do mundo”. O artista coloca em suas obras algo que o conecta com o sagrado para ele, a sua necessidade de conexão com o mundo, seja a natureza ou a sociedade. Pode-se considerar como uma “voz que clama no deserto” (Isaías: 4;2-5). Ele vai ter em suas mãos a denúncia, o elogio, a crítica, e poderá conclamar entre outras funções, pode “profetizar” com sua arte, ou demonstrar o que fervilha na sociedade.

Mas o artista se coloca como um instrumento, de forma que existe algo maior nas suas referências, que ele mesmo não criou, mas sim uma força maior. Sendo ele um segundo criador, que modifica e atualiza em sua visão

esse conceito, fazendo um novo mundo, com o que já existe, através da imaginação, transformada em arte.

Se assim for podemos pensar que o indivíduo que cria, está sendo, de certa forma, uma deidade, a qual pode criar as suas criaturas, que é a sua obra, uma espécie de concepção do sagrado, que através da inspiração, transcende a noção normal, exprime mais do que uma manifestação artística, algo que pode ser divino, maravilhoso e louvável, fazendo através da arte, surgir “adoradores” que resumimos na palavra admiradores.

Segundo Kaufmann (2013, p.04), “a medida da arte é o homem, a medida da religião é Deus”. Então podemos estender esse diálogo entre a arte e a religião, mas nas entrelinhas não compara ela com uma religião, pois ela, é algo aberto, qual não se enquadra uma determinação; é como um “pássaro” que vive solto através da imaginação do artista.

Já a inspiração, é possível comparar com a descida do sagrado à humanidade, a qual o artista “profetiza” em sua arte o que a sociedade se coloca em reflexo, seus inconscientes, das muitas vezes colocando essa perspectiva de um real fabuloso, mas sempre demonstrando o cotidiano do artista.

Será que a sacralidade está ligada à arte? Segundo Kaufmann (2013, p.04), “O artista experimenta a *Fiat Voluntas* na concretização de sua obra como a confirmação de sua genialidade”. Os movimentos artísticos unem o sagrado e o profano, através da vastidão de noções de belo, nos traços, nas cores, nas letras, e na musicalidade. O artista tem a experiência de dizer que através da inspiração seja feita a vontade deste “dom”.

A arte pode transcender o sistema religioso que pregar, seja o simbolismo que vai para algo do cotidiano, ou passando por uma forma de catequese, e mais além, podendo colocar o sagrado com outras formas. Para Kaufmann (2013, p.04), “A obra de arte é, nessa medida, a eternização e a glorificação da aparência”.

Vê-se em muitas religiões a manifestação da arte, seja como música, poemas, pinturas, entre outros, para a eternização da espiritualidade e também a propagação do divino. O uso da arte como *ancilla* (serva) da religião é feito há muito tempo. Mas será que a arte quer essa função?

É o artista que vai dar sentido de acordo com a noção dele, do que é sagrado e profano, bem e mal, havendo ou não dualidade. No mundo em criação ele se afasta do seu meio, mas esse meio não se distancia dele, fazendo com que a inspiração “fale”, para ele mostrar o cotidiano de uma sociedade, mesmo que aponte para outra pessoa. Esse movimento faz com que a sociedade surja como inspiração que retorna ao artista.

2.2 A arte que denuncia e anuncia

Sabendo que a imaginação está no cotidiano, o artista pode ser comparado a uma “marionete” do seu próprio “dom”, que se coloca em êxtase quando está produzindo suas obras, semelhante em alguns mitos³, quando a humanidade se encontra com o sagrado, trazendo essa transcendência.

Kaufmann (2013, p.05) afirma que, “enquanto o desinteresse estético salva o artista de envolvimento nas diferenças da vida, isso também ensurdece seus ouvidos para o clamor das necessidades humanas”. O artista, sendo um “profeta” de seu meio, traz à razão questões relacionadas ao seu meio que a sociedade tenta esconder ou não comenta, não entende ou não vê. Eis aqui um ponto da arte, mostra algo oculto do social, seja na arte “profana” ou religiosa.

A arte é algo amplo, difícil de se enquadrar, seja à religião ou à outros conceitos, quem dirá à academia. Como já comparado, ela é “pássaro” que voa livre sem amarras, e não adianta enjaular em pontos. O que acontece no meio acadêmico, por exemplo, ela vai além, por isso a dificuldade de colocar algumas questões textuais.

Segundo Costa e Silva (2015, p.02), “a ciência é o conhecimento sistematizado que resulta de determinados métodos que podem ser comprovados”. Desse modo, será que a arte pode ser colocada em métodos científicos, em áreas específicas de conhecimento, como as das ciências naturais?

³ Como exemplo temos o Mito de Pigmeleão, que narra a história de um rei escultor que se apaixona pela estátua realista e bela, de uma mulher, feita em marfim, que ele mesmo criou.

As Ciências das Religiões vêm em comunhão com outras formas científicas, principalmente as das humanidades, em conhecer o fenômeno religioso/espiritual e como ele se manifesta em determinadas áreas, inclusive nos movimentos artísticos, podendo dialogar facilmente com os movimentos da arte. Talvez assim possa se explicar o fenômeno religioso e o motivo visível e invisível do mesmo.

A hierofania que o artista tem quando faz estas manifestações, vai além. Para Kaufman (2013, p.05), “O apelo da obra de arte é apenas o eco do que foi recebido e proclamado pelo artista”. Pode-se perceber o caráter profético do artista. Já na academia, esse caráter é colocado numa posição de crítica. Como pesquisar e escrever, academicamente, sobre a arte e suas elucidações? Como colocar em artigos, se muitas das vezes a arte é a própria resposta à escrita? e mesmo escrevendo, a arte pode falar por si mesma?

É possível, no entanto, colocar a arte como um elo não só entre a religião, mas entre vários fenômenos sociais. O movimento religioso, de certa forma, necessita da arte, mesmo que não seja em pintura. O caso do islamismo, por exemplo, se observa que a arte está na arquitetura e na escrita, colocando o sagrado nas letras, nos traços dos prédios e templos, em seus minaretes que conectam com o céu. As mandalas são outro exemplo, inspiradas na calma e na sutileza, são expressões das deidades hindus, dos templos orientais, das igrejas ocidentais. Há imensa aplicação das variantes do belo nas religiões, nas espiritualidades e no meio social.

2.3 Arte e Ensino Religioso: percebendo elementos da formação

Diante do exposto, a área de Ciências das Religiões, dentro do contexto da licenciatura, que forma o docente de Ensino Religioso, pode avançar com a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, tendo a arte, a história, a sociologia, a filosofia, as letras etc., como possíveis conexões com o sagrado. Esse indivíduo, docente, que conhece seu espaço, estuda as religiões, pode se apresentar como artista, educador e pesquisador, unindo essa tríplice missão, conectando e mostrando a comunidade escolar a necessidade de um formador

preparado para a discussão, fomentando assim o crescimento dos campos artístico e da docência.

Cabe à formação inicial, a preparação desse indivíduo que perpassa pelo estudo da arte e a aplicação da mesma na educação. A importância dos componentes que envolvem arte no curso de Ciências das Religiões, mostra que sua aplicabilidade é possível, conectando a sala de aula aos “talentos” de cada um.

Para além dos componentes que envolvem arte, os estágios supervisionados em Ensino Religioso, que é uma prévia da prática docente durante a formação inicial, demonstra, igualmente, a aplicabilidade na escola, por meio de planejamentos de atividades e projetos pedagógicos, em que a arte é usado visando a transposição didática. Nesse sentido, a arte não é algo de uma área específica, mas na sua liberdade, ela conecta as diferentes noções do saber.

Nesse contexto, como o artista, pesquisador, professor poderá aplicar essas habilidades em conjunto? Existe uma maneira que demonstra o conhecimento teórico-prático de colocar o artista é tríplice?

Surgindo a partir dessa necessidade, a a/r/tografia vem como um caminho possível para se escrever sem interferir na sacralidade da arte produzida pelo artista, mas que faça com que ela (a arte) dialogue, não só com o indivíduo que a criou, mas com cada ser que a observa.

O artista poderia perder muito dos detalhes em sua obra por escrever e não se tornar visível, podendo usar da mitanálise para analisar as obras, e podendo explicar mais que mitos sagrados. Isso deve ser levado em consideração, ao analisar. Por isso ter uma forma própria de analisar obras de arte, o contexto relacionado a cada manifestação artística, vendo os movimentos que são colocados, do mesmo jeito os textos, para não ser feito anacronismo com as obras.

Se observar bem a questão do uso da arte em sala de aula, esta pode se tornar um rico material didático, propondo um diálogo, que pode colaborar pela suposta facilidade de uma conexão entre discente e docente, que melhoraria o entendimento entre prática e teoria, conectando a questão da práxis artística é docente.

A necessidade desse diálogo durante a formação docente é importante, para acrescentar um formato que os licenciandos possam encontrar, no curso, um lugar para demonstrar sua arte, em sua liberdade, e de certa forma poder trabalhar pela linha artística, a imaginação e como a liberdade dessas duas possam ser usadas, mas nunca aprisionadas. A arte é livre, não pertence a ninguém, nem mesmo o próprio artista é dono dela. Ele é apenas o “recebedor” de um movimento de sair de dentro para fora, que transcende ao ser humano, qual podemos colocar aqui como sobre-humano.

Quando o professor está disposto a fazer reflexões, mesmo que os materiais didáticos sejam escassos, é proposto trabalhar com a sua realidade e com o que se tem no contexto. O profissional da educação tem um “molejo”, uma expertise de improvisar e criar, para atender às necessidades impostas. Assim, o professor/artista/pesquisador tem um arcabouço enorme para tais necessidades, pois ele fará surgir da necessidade, colocando à disposição o que sabe fazer, sem criar um abismo, mas sim uma ponte entre o ele e o educando. Usando a curiosidade e a possibilidade que os alunos interajam melhor nas aulas, de modo que a ludicidade seja presencialmente vista e a capacidade artística a florada.

Ao perceber que a arte não pode ser “aprimorada” por um curso ou componente curricular específico, lhe confere seu poder transdisciplinar. A arte dialoga com várias áreas, expressando-se como uma divindade ao contato da criatura. Desse modo, o professor sabendo que o contexto científico não é tão fácil assim, pode fazer um exercício de transposição didática, para que o contexto artístico seja o mais acessível para o público que deseja atingir.

Segundo Polidoro e Stigar (2008, p.158)

A partir da relação sujeito-objeto (no caso do Ensino Religioso, o sujeito é o aluno, e, em relação ao objeto, é o fenômeno religioso), há que levar em conta que deve haver uma transposição clara e segura desse tipo de saber tão vasto e complexo, o Ensino Religioso.

Nota-se que quando o discente enfrenta uma dificuldade no aprendizado, antes de tudo, cabe ao profissional da educação se colocar no lugar dele, para saber como pode ajudar o estudante. Desse modo, ele não deve ser apenas aquele que só “passa o conteúdo”, mas alguém que se preocupa com a dificuldade no aprendizado. Não adianta e nem deve-se

reprovar 95% da turma, insensível às limitações, muitas vezes se achando superior. Às vezes o problema pode estar em como o professor está ensinando, como também, analisando a situação.

Neste trabalho, não há a intenção de mostrar que o uso da arte na educação será uma espécie de “salvadora” da educação. Haja visto a existência de uma série de fatores, como estruturais, sociais, ambientais, e não são só de cunho metodológico do professor.

Mas aqui o intuito é mostrar que sim, a arte pode ajudar, e muito, naquilo cabível ao professor, que suas atribuições em sala de aula, fazendo o trabalho pedagógico cada vez ser mais lúdico, demonstrando que existe variedade de métodos que podem auxiliar no diálogo entre professor e aluno.

Alguns exemplos que podem ilustrar essa reflexão, é o caso do cordel. De nada adiantaria um professor trazer um poema de um autor erudito, em uma turma do ciclo inicial da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por exemplo, que atende a um público maior de pessoas com mais de 60 anos. Muitas delas não entenderiam, mas se fosse outro tipo de texto, mais próximo da realidade delas, a ilustração dos seus cotidianos, com palavras do seu convívio, e tendo a interação com essas pessoas, é possível imaginar uma interação e interesse no debate e nas atividades a serem propostas.

Do mesmo modo, em uma sala dos anos iniciais do Ensino Fundamental, trabalhando o objeto do conhecimento: *o eu, o outro e o nós*, se colocasse a manifestação de um desenho ou pintura, para trabalhar as diferenças, demonstrando que a atividade era a mesma para todos, mas cada um em sua visão, trariam diálogos e saberes diferentes.

A importância de somar, nestes casos, o artista que já produz de forma desprendida, que faz a necessidade educacional somada à arte, visando à falta de material didático para um determinado grupo, de acordo com que está sendo solicitado, demonstrando a característica interdisciplinar do ensino religioso.

O artista-professor não pode deixar de lado a prática, pois essa prática pode transformar em algo maior, e atender a uma problemática, de uma ou várias pesquisas sobre este contexto. Por isso o tripé, entre arte, docência e pesquisa, onde o artista é também e ao mesmo tempo, educador e pesquisador.

A indagação pela melhora da educação já é algo importante na licenciatura, mas cada área específica volta para dentro de si. E como seria se houvesse um diálogo trans e interdisciplinar? É importante cada indivíduo não está só no mundo, e a individualidade não leva ao debate. Na atual conjuntura necessita-se de um entendimento mais complexo e interconectado, de uma construção de formatos, seja na alfabetização ou na forma de conteúdos em sala de aula.

Por isso, a união e o diálogo para discutir algo que possa favorecer a cada componente consegue um resultado melhor, que possa fazer com que o indivíduo transforme seu meio; abrindo os olhos do professor, para que ele também faça pesquisa e demonstre a arte naquele espaço, transformando os alunos em questionadores do seu lugar.

As músicas, os desenhos, os poemas, os cordéis, as danças, entre outros; tudo isso pode ser transformado em material didático, pela possibilidade de problematizar o cotidiano social, que a cada componente possa estar inserido.

A questão é que o Ensino Religioso pode ir além de sua área, e mesmo com o estudo do fenômeno, como ver o “pegar fogo” da cultura, o fervilhar da história, ele não pode fechar em si mesmo. Esse componente tem por si a necessidade de dialogar, mesmo que não querendo, e a necessidade que tem em trabalhar em conjunto o faz importante e belo.

A beleza dessa área não está em se conformar com algo único, mas sim o coletivo. Não está no individualismo, mas sim no debate, na reflexão mútua, na dualidade existente, na vastidão que ainda não se chega. Exemplificar que em cada comunidade, cada lugar dialoga com o fenômeno religioso, espiritual, cultural, necessita estar presente na escola.

Aqui, vemos a importância da criação de material didático com arte, que auxilia na educação, principalmente usando aquilo que cada qual sabe fazer; uma nova forma de educar, utilizando o que é mais acessível no seu meio.

Assim também é a ideia de que a imaginação de uma criança não se encaixa na questão adulta, podendo auxiliar nas questões e lutas sociais, que precisam da sensibilidade, como no ato de ensinar.

A arte está ligada com o fenômeno religioso, nos elementos das artes sacras, no contexto judaico-cristão, no grafismo para os povos originários, no

toque do ogã para as religiões de matrizes africanas, na pintura e na escrita para o espiritismo, entre outras formas que o artista possa se expressar na religiosidade/espiritualidade.

O trabalho do professor de Ensino Religioso é levar a diversidade sem proselitismo, mostrando e demonstrando a criação da cultura de paz em nossa sociedade, fomentando e demonstrando esta cultura que muitos não entendem por não conhecer, propagam a divisão sem diálogo. Assim, um professor da área de ER é também um pesquisador, investigando no próprio convívio, perguntando, questionando, indagando.

Como alerta (Holmes, 2016, p.26), “ao focarmos nossos estudos sobre o fenômeno religioso é necessário conceituarmos para poder compreendê-lo melhor, não só no aspecto das ciências humanas, mas na origem das religiões”.

O ensino religioso é um componente curricular a qual se vê tamanha contribuição dos fenômenos religiosos para entender a cultura e a sociedade. “No Brasil, o estado tem o dever de proteger a diversidade religiosa e de garantir a liberdade religiosa, conforme o artigo 5º, inciso VI da constituição de 1988” (Holmes, 2016, p. 50). Sem esquecer de que o ensino religioso demonstra alto grau de importância para a aplicabilidade de um estado laico, que é exigido de acordo com a carta magna que nos rege. A experiência do estágio supervisionado nos fez perceber que a falta de professores formados em Ciências das Religiões e a falta de ética no ensino religioso em sala de aula, têm contribuído para o componente perder credibilidade, sendo comparado com uma catequese ou escola dominical de determinado viés religioso.

Para Holmes (2016, p.53), “no processo educativo, é impossível tratar do ensino religioso sem falar das várias tradições religiosas, uma vez que cada cultura religiosa apresenta seu fenômeno religioso”. Vale lembrar também a aplicabilidade da lei 10.639/03, qual fala sobre o ensino da história afro-brasileira nas escolas, e a lei 11.645/08, a qual ratifica a lei anterior e acrescenta a questão indígena em sala de aula. Se nota a importância do licenciado em ciências das religiões, e seu arcabouço teórico para tal. Se vê, portanto, uma questão essencial na formação do cientista das religiões: o

diálogo com as demais ciências humanas e a questão dos fenômenos que envolvem as religiosidades.

Neste sentido, “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento” (Freire 2022, p.83). A importância de trazer a participação do aluno em sala de aula, fomentando que é ele o protagonista da educação, não desmerecendo o papel do professor, mas os alunos são quem apontam o resultado da didática do mesmo.

Muitos dos professores conhecidos como conteudistas, estão mais preocupados em encher o quadro (lousa) com textos, fórmulas e cálculos, mas nada de saber se o estudante conseguiu entender. A aula se torna extremamente pesada e cansativa e de difícil percepção de quem entendeu. As notas avaliativas estão sempre abaixo do esperado e o docente culpa os alunos que não estudaram ou suas famílias que não acompanham o processo de aprendizagem dos filhos em casa.

Sobre isso, Freire (2022, p.84), enfatiza que “sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”. A ideia é que o estudante tenha a participação ativa em uma aula, para que ele possa compreender e o professor possa facilitar a aprendizagem daquele conteúdo, promovendo o aparecimento de dúvidas, curiosidades e a participação da turma, o que torna uma aula produtiva.

Nesse contexto, nota-se a necessidade de trabalhar os conteúdos e a transposição didática de alguns temas, por isso a importância dos estágios supervisionados obrigatórios, que muito auxilia na prática da didática do futuro profissional.

Vejamos um trecho da canção de Pink Floyd, de 1979:

All in all, it's just another brick in the wall, We don't need education, we don't need thought control. No dark sarcasm in the classroom. Teachers, leave them kids alone [...] All in all, you're just another brick in the wall⁴

⁴ Quer dizer em tradução livre: “No geral, é apenas mais um tijolo na parede. Não precisamos de educação, não precisamos de controle do pensamento. Nenhum sarcasmo sombrio na sala de aula. Professores, deixem as crianças em paz [...] No geral, vocês são apenas mais um tijolo na parede”.

A questão abordada na música fala sobre a ideia dos professores extremamente abusivos com os seus conteúdos, apontando que eles são também parte da parede que compõem a sociedade, e se propõe ao reflexo da mesma nas escolas com o autoritarismo, num sistema de reprodução.

Didaticamente, ao trazer trechos de músicas, se demonstra que arte pode falar mais sobre um determinado assunto do que a própria escrita. É uma alternativa do uso de um tipo de arte em sala de aula. Mas muitos professores preferem não mudar a aula, muitas vezes não é culpa dos profissionais, mas das condições que lhe são impostas, como questões de saúde, extremo cansaço e exaustão, questões físicas, mentais e sociais, como a não valorização da profissão.

Em geral, a arte e o ensino religioso são componentes “deixados de lado”, por outras áreas, sendo tratados com menosprezo, e em muitos casos lecionados por outros profissionais ou sem a formação adequada.

O fato é que, o diálogo entre arte e religião ultrapassa a questão da sala de aula. Nos fenômenos religiosos se estabelece uma relação de cooperação, propondo o êxtase com a espiritualidade e a inspiração do artista, que se propõe a colocar sua arte em auxílio da religião. Fomentando assim uma interação, de uma dupla que se complementam, e muitas vezes se compreendem em seus desafios impostos na sociedade e na área educacional. Entre elas duas (Arte e Religião) podem gerar muitas coisas extraordinárias, apaixonantes, que vão além da humana compreensão e ultrapassam a divina razão.

2.4 A arte como fonte de pesquisa

Segundo Dias (2018, p.03), “nos países de maior produção técnico/científico/artístico, já existem aproximadamente mais de três mil estilos de redação acadêmica em acordo com tipos e áreas de conhecimentos de periódicos e instituições educacionais”. O transformar da escrita para que a arte possa continuar com o seu papel transformador na sociedade, é inspirando e fomentando através de uma necessidade de pesquisas envolvendo arte na

questão acadêmica. Se trata da construção de um novo estilo para encaixar a arte, ou um jeito de que ela continue livre.

Nesse sentido, Costa e Silva (2015, p.14) questionam:

Mas, seriam mesmo essas regras adequadas para as necessidades específicas de apresentação da produção científica em arte? As formas de apresentação da produção científica em arte deveriam mesmo ser padronizadas tais quais as outras ciências o foram?

Será que ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) é suficiente para fazer a arte se expressar na escrita? As manifestações artísticas religiosas e espirituais apresentadas na academia não se encaixam na a/r/tografia?

Segundo Dias (2018, p.06) “a/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles encontram-se em momentos de mestiçagem ou hibridização”. Essa afirmação demonstra a importância de um professor/pesquisador/artista, que faz a/r/tografia transcendendo no decorrer do texto. O argumento é que o profissional licenciado em Ciências das Religiões, e docente de Ensino Religioso, possa realizar a/r/tografia, conectando arte e religião.

Segundo Kaufmann (2013, p. 6),

Desta maneira, a representação artística adquire seu último e máximo sentido: culmina na celebração da peça. Nossa pequena vida é rodeada por uma representação: um teatro é seu estado inicial e final.

Então, ao notar que a vida tem uma intimidade maior com a arte e a humanidade, depende dessa abstração para ouvir, ver, sentir, e até mesmo se alimentar da arte. Ela transcende a qualquer componente para facilitar a compreensão de uma vivência em sociedade, nesta grande peça, que não pagamos para entrar, somos obrigados a atuar, que sabemos que tem fim, mas a beleza está em não saber a exatidão desta finitude. O belo desse momento está em viver a beleza, e compreender que podemos chegar, através da imaginação, em algo que sairá de nossos sentimentos e se tornará palpável.

Para Kaufmann (2013, p.06), “o homem é algo parecido a uma marionete nas mãos de Deus”. O indivíduo está assim no contexto

judaico-cristã, já a arte está a serviço do homem para ajudar a aliviar e denunciar momentos, sejam bons e maus, na sociedade ocidental judaico-cristã. A vida tem uma dualidade, e quem mostrará isso à sociedade? A arte. Ela tem uma expressão social e auxilia a expor algo. E ao nosso entender, isso é semelhante ao fenômeno religioso.

Por isso, a questão trazida pela a/r/tografia, como um caminho para que a arte tenha seu valor comunicativo real num trabalho acadêmico, e possa repassar sentimentos.

Este TCC apresenta uma pesquisa de a/r/tografia no formato de relato de experiência, demonstrando como a arte pode ser elemento importante no Ensino Religioso.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é um estudo exploratório, de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, com a finalidade de integrar conhecimentos teóricos e práticos na experiência da docência em Ensino Religioso.

A pesquisa exploratória tem como objetivo familiarizar-se com um tema ou problema pouco estudado, permitindo uma compreensão mais profunda e a construção de hipóteses para pesquisas futuras.

Segundo Gil (2002, p. 41):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.

Este trabalho traz o questionamento, não só das questões abordadas em pesquisas bibliográficas, mas também no contexto escolar, que demonstra uma visão sobre o problema abordado. “Embora o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso” (Gil 2002 p.41).

A abordagem qualitativa permite ao pesquisador se inserir no campo de pesquisa. Neste trabalho, a noção da a/r/tografia

(professor/pesquisador/artista) se insere, agindo assim o pesquisador não interfere, mas ao mesmo tempo se encontra no campo com a arte. Para Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014, p.02), “A pesquisa qualitativa é aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais”.

A análise qualitativa tem uma abertura maior, e a apropriação para pesquisas voltadas a área de humanas no caso educacional e religiosa, em sua forma pode ser compreendido o processo do problema estudado, a ser pesquisada traz uma suave simplicidade para entender o tema, e ser assim utilizada na referida área. “A análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples.” (Gil 2002 p.133).

O relato de experiência, e um texto que tem como objetivo narrar o momento que é vivido, no caso da universidade, pode-se citar as práticas nos estágios, qual o texto e a pesquisa foram feitas e retomadas. “A experiência acumulada dos pesquisadores possibilita ainda o desenvolvimento de certas regras práticas para a formulação de problemas científicos” (Gil 2002 p.26).

Foi colocado as aulas tanto nos estágios, quanto no exercer da profissão de professor, e a influência da arte nas vastas questões que dialogam em vários estágios e no exercício do magistério, aqui em especial o desenho, que vai ter em utilidade usada nas habilidades conjuntas da BNCC, e da PCPB (Proposta Curricular da Paraíba), e a utilidade deste movimento artístico para expressão de um conteúdo.

Os temas trabalhados seguem a estrutura temática da BNCC para o Ensino Religioso, bem como as habilidades a serem desenvolvidas a partir do trabalho pedagógico com cada conteúdo. A organização dos conteúdos é a seguinte:

Quadro 1: Conteúdos para o ER e suas habilidades

Código alfanumérico	Objeto do conhecimento	Habilidade	Unidade temática
EF01ER01	O eu, o outro e o nós	Identificar e acolher as	Identidades e alteridades

		semelhanças e diferenças entre o eu, o outro e o nós	
EF01ER05	Sentimentos, lembranças, memórias e saberes	Identificar e acolher sentimentos, lembranças, memórias e saberes de cada um.	Manifestações religiosas
EF01ER06	Sentimentos, lembranças, memórias e saberes	Identificar as diferentes formas pelas quais as pessoas manifestam sentimentos, ideias, memórias, gostos e crenças em diferentes espaços	Manifestações religiosas
EF02ER01	O eu, a família e o ambiente de convivência	Reconhecer os diferentes espaços de convivência.	Identities e alteridades
EF02ER04	Memórias e símbolos	Identificar os símbolos presentes nos variados espaços de convivência	Identities e alteridades
EF02ER05	Símbolos religiosos	Identificar, distinguir e respeitar símbolos religiosos de distintas manifestações, tradições e instituições religiosas	Identities e alteridades
EF03ER05	Indumentárias religiosas	Reconhecer as indumentárias (roupas, acessórios,	Manifestações religiosas

		símbolos, pinturas corporais) utilizadas em diferentes manifestações e tradições religiosas	
EF03ER06	Indumentárias religiosas	Caracterizar as indumentárias como elementos integrantes das identidades religiosas	Manifestações religiosas
EF04ER05	Representações religiosas na arte	Identificar representações religiosas em diferentes expressões artísticas (pinturas, arquitetura, esculturas, ícones, símbolos, imagens), reconhecendo-as como parte da identidade de diferentes culturas e tradições religiosas.	Manifestações religiosas
EF05ER02	Mitos nas tradições religiosas	Identificar mitos de criação em diferentes culturas e tradições religiosas.	Crenças religiosas e filosofias de vida
EF06ER06	Símbolos, ritos e mitos religiosos	Reconhecer a importância dos mitos, ritos, símbolos e textos na estruturação das diferentes crenças, tradições e	Crenças religiosas e filosofias de vida

		movimentos religiosos	
EF06ER07	Símbolos, ritos e mitos religiosos	Exemplificar a relação entre mito, rito e símbolo nas práticas celebrativas de diferentes tradições religiosas	Crenças religiosas e filosofias de vida
EF07ER03	Lideranças religiosas	Reconhecer os papéis atribuídos às lideranças de diferentes tradições religiosas.	Manifestações religiosas
EF08ER03	Doutrinas religiosas	Analisar doutrinas das diferentes tradições religiosas e suas concepções de mundo, vida e morte	Crenças religiosas e filosofias de vida
EF08ER04	Crenças, filosofias de vida e esfera pública	Discutir como filosofias de vida, tradições e instituições religiosas podem influenciar diferentes campos da esfera pública (política, saúde, educação, economia).	Crenças religiosas e filosofias de vida
EF09ER04	Vida e morte	Identificar concepções de vida e morte em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, por meio da análise de	Crenças religiosas e filosofias de vida

		diferentes ritos fúnebres.	
EF09ER07	Princípios e valores éticos	Identificar princípios éticos (familiares, religiosos e culturais) que possam alicerçar a construção de projetos de vida.	Crenças religiosas e filosofias de vida
EF09ER08	Princípios e valores éticos	Construir projetos de vida assentados em princípios e valores éticos.	Crenças religiosas e filosofias de vida

Fonte: Brasil, 2017. Adaptado pelo autor.

A primeira ação de pesquisa foi realizada no estágio supervisionado IV, realizado de 26 de março a 16 de junho de 2023, no qual foi trabalhado o 1º ano do ensino fundamental nas unidades temática, identidade e alteridade, trabalhando este conceito durante esse período.

As crianças que chegam ao ensino fundamental, estão em uma transição de fase educacional, o ensino religioso tem uma importância, fazendo com que a criança possa se expressar com a arte, devido ainda não saberem ler e escrever, a qual não significa que elas não o sabem expressar, mas evidenciando que a arte aponta totalmente ao contrário; mostrando assim a importância do diálogo entre professor aluno, e a carga que este último traz de casa.

A expressão pode estar no cotidiano e/ou no inconsciente, a qual pode descobrir muitas coisas que as crianças ainda não conseguem expressar, ou se sentem inibidas.

Já no segundo momento, foi trabalhado com as turmas do 9º ano, e as turmas do 1ª e 2ª séries do Ensino Médio da escola particular Centro Educacional Brasileiro (CEB), no período de 31 de março a 04 de abril de 2025.

Foi trabalhado as temáticas do 9º ano nas referidas turmas, mostrando assim a temática que muito das vezes é um tabu no meio social, que é a vida e morte e como as religiões as vê, com isso os alunos foram se expressando

através das artes, e textos criados de forma espontânea, apresentando desta forma que o ensino religioso também pode ser trabalhado no ensino médio, e a colaboração com outros componentes curriculares.

O método de análise de dados é a análise de conteúdo de Bardin (2002), que consiste em três partes:

As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (Bardin, 2002, p.95).

Na medida que se sujeitava ao aluno em atividade, se construiu o material didático entre eles, foi colocado o aluno como autor, em momento da pré análise, já se podia caminhar a exploração deste material, construindo um resultado material pedagógico, com a linguagem dos alunos que irão ser destinados.

Os materiais que foram reunidos, foram analisados como resultado desse projeto inicial, de colocar a arte (desenho) para trabalhar em conjunto ao ensino religioso, a qual foi demonstrado que é possível, levando em consideração os estudantes que participaram.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso da arte dentro dos estágios supervisionados do curso de licenciatura em [Ciências das Religiões](#) tem uma possibilidade já existente, aplicando na prática a questão do uso da imaginação e proporcionado a criatividade, chegando a uma interpretação, de uma cosmovisão, de uma temática, no caso abordado voltado ao ensino religioso.

A seguir o relato analítico das experiências nos Estágios Supervisionados com arte e Ensino Religioso:

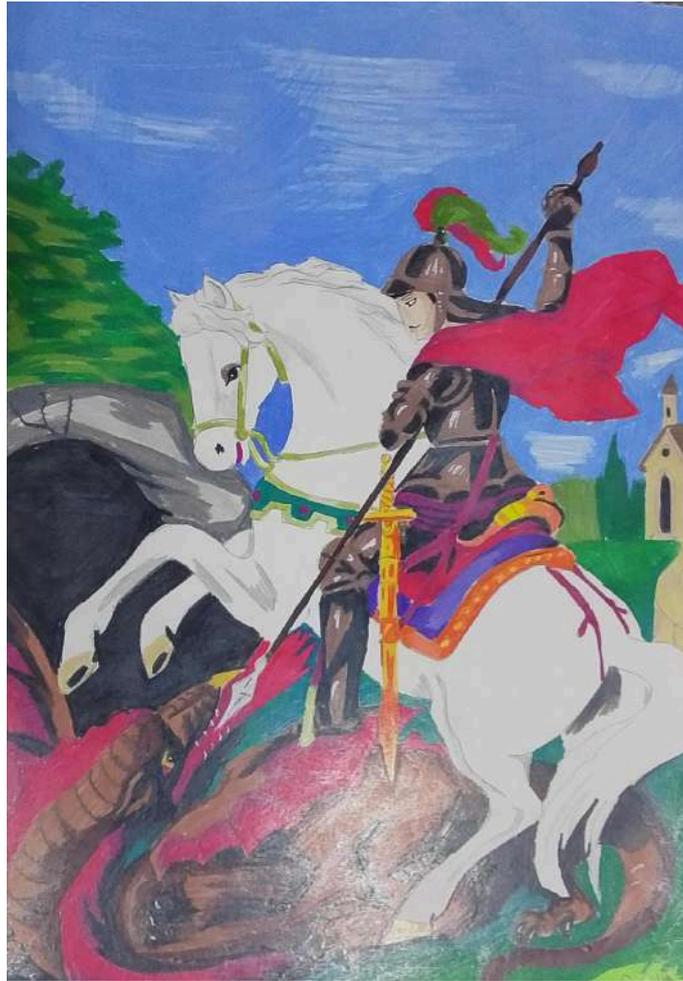
4.1 Atividades realizadas tendo a arte como material didático

No anos iniciais do ensino fundamental, o trabalho com o respeito e tolerância, umas das habilidades voltadas a valores, que podem ser citada é (EF01ER02): “Reconhecer que o seu nome e o das demais pessoas os identificam e os diferenciam” (BNCC).

O 1º ano do ensino fundamental, pode ser utilizada a arte e para a valorização do empoderamento, mas também a diversidade, utilizando desse método a/r/tografico, para se comunicar em diversas situações, no caso a introdução ao meio social, mostrando que mesmo as diferenças podem se unir para algo comum, no exemplo a partilha para um desenho.

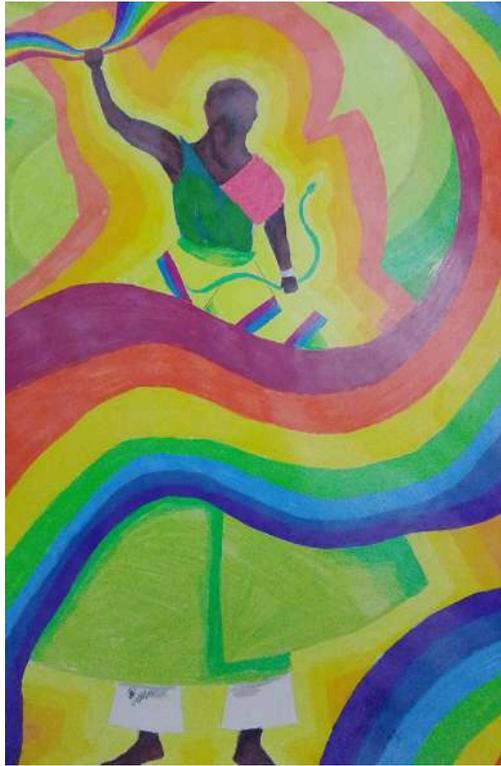
A produção artística através das necessidades, que não só a BNCC pede, mas também a temática do conteúdo, como o caso do ensino médio, as habilidades de arte, que dialoga muito as questões abordadas em ER e as das ciências humanas, demonstrando que, mesmo o ER não estando dentro do currículo do ensino médio, ainda assim reverbera nas necessidades educacionais para discussão de temas relacionados.

Imagem 01: São Jorge



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 02: Oxumaré



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 03: Personagem do cavalo marinho; Mateus e Bastião, capitão, soldado e o boi



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 04: Jonh Wesley



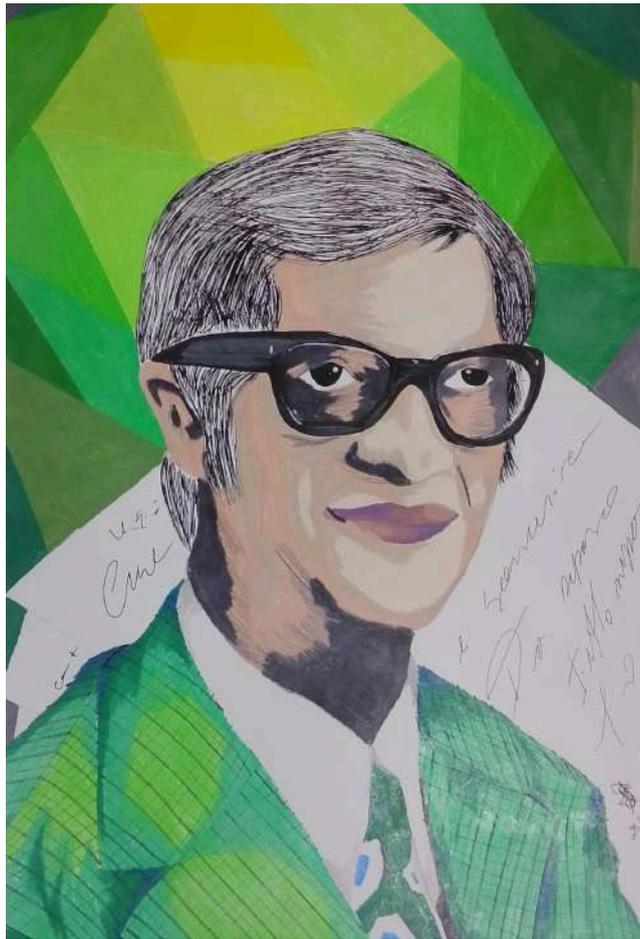
Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 05: São José



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 06: Chico Xavier



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 07: Ailton Krenak



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 08: Povo tabajara



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 09: Maomé



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Foram realizados diversos desenhos em sala para ilustrar as religiões e espiritualidades, demonstrando na arte a possibilidade do professor/pesquisador/artista e a potencialidade do senso crítico dos indivíduos.

Dialogando aqui um processo que ocorre depois, a produção de algo, seja uma arte, releitura, ou uma escrita do texto com a sua visão já crítica a situação abordada na arte.

4.2 Atividades realizadas tendo a arte como inspiração do alunado

Os alunos também têm necessidades de didáticas diferentes, que atribua mais leveza aos conteúdos mais complexos, aqueles que geralmente apresentam dificuldades quando tanto para o profissional, quanto para o aluno. O professor, nesses casos, tem que elaborar uma linguagem que seja acessível ao aluno por meio de prática da transposição didática.

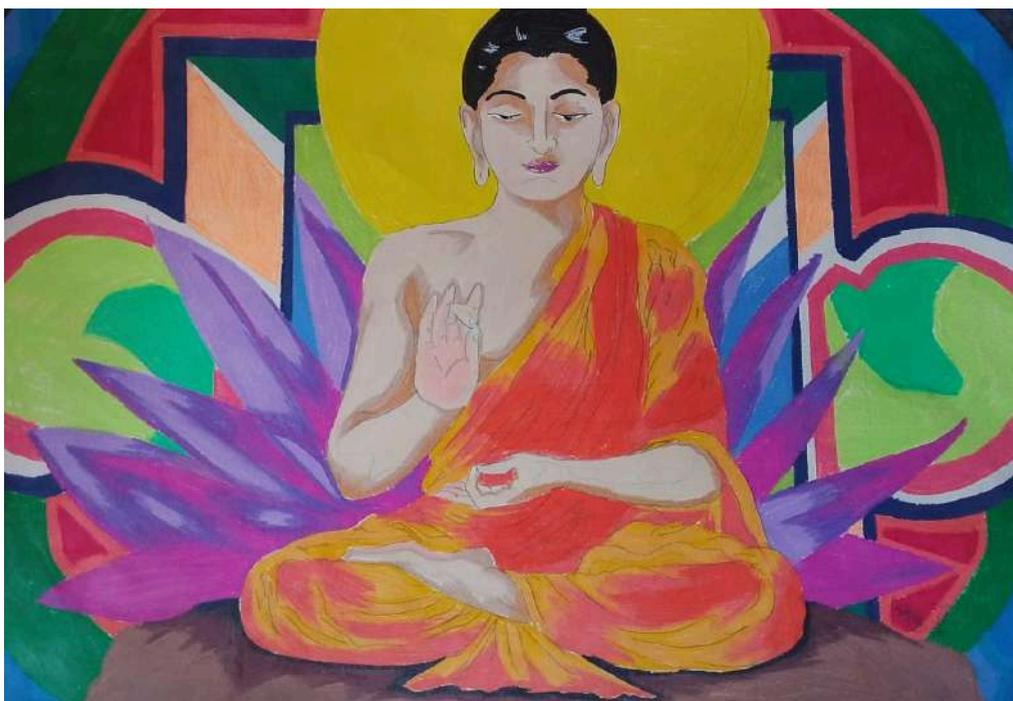
O caminho das artes, demonstrando seu valor transdisciplinar, desde a música, o corpo, o movimento, até o desenho, com o trabalho de associação do que vai ser trabalhado em sala, com a interpretação, até chegar ao fenômeno artístico, nesse caso, o desenho.

O desenho é a expressão artística que todos têm desde a infância, começando pelos rabiscos, que demonstra a realidade da criança. Com o crescimento do indivíduo, o desenho se perde nesse contexto, então o trabalho com essa parte da arte pode se tornar um encontro consigo mesmo.

Os alunos percebem e dão atenção aos conteúdos que o professor pede. De uma manifestação artística surgem materiais que têm muita carga emocional, que estão nas entrelinhas.

A seguir, demonstrações dos casos trabalhados com o ensino médio, e nos estágios supervisionados com o ciclo da EJA e do ensino fundamental.

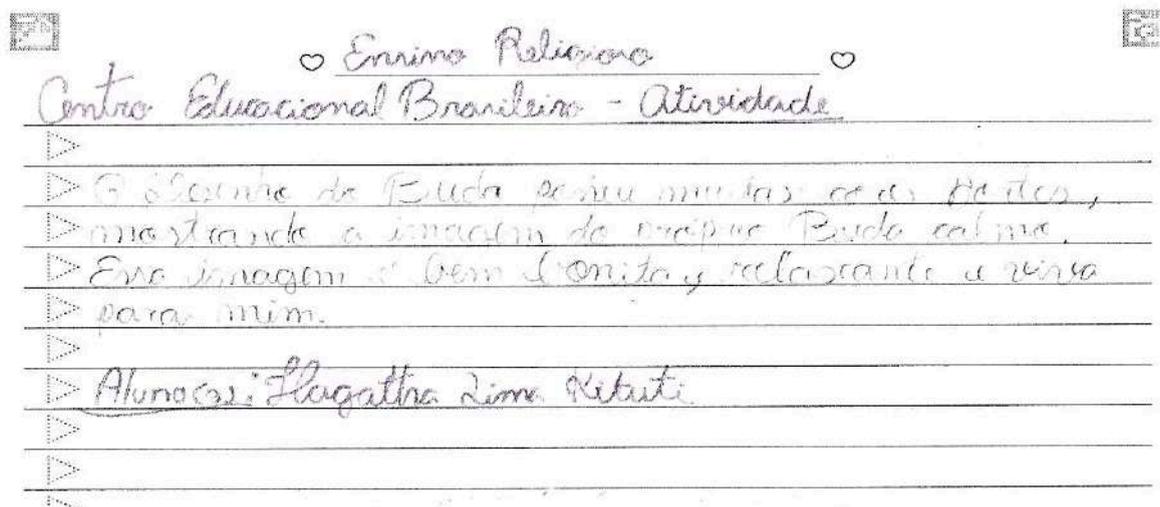
Imagem 10: Sidarta Gautama



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 11: Descrição da aluna do ensino médio sobre a imagem de Sidarta:

“O desenho do Buda possui muitas cores fortes, mostrando a imagem do próprio Buda calmo. Essa imagem é bem bonita relaxante e viva para mim”



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Imagem 12: Martinho Lutero



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 13: Releitura do desenho de Lutero por um aluno do ensino médio



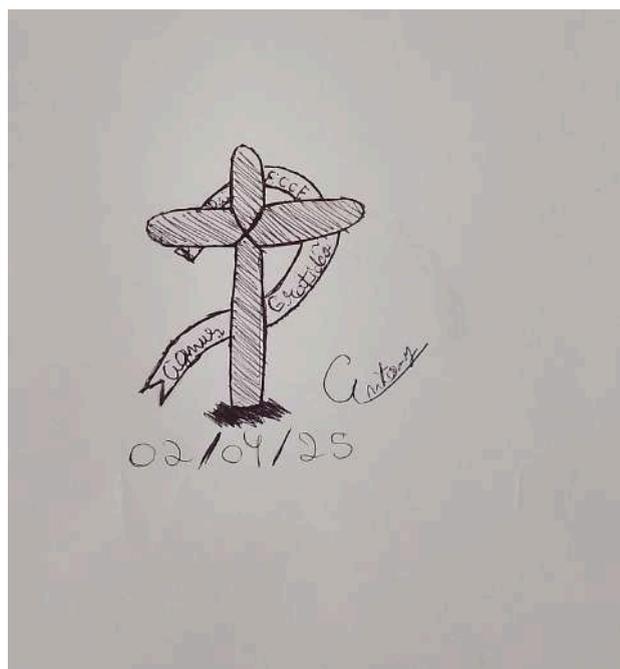
Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Imagem 14: São João Batista



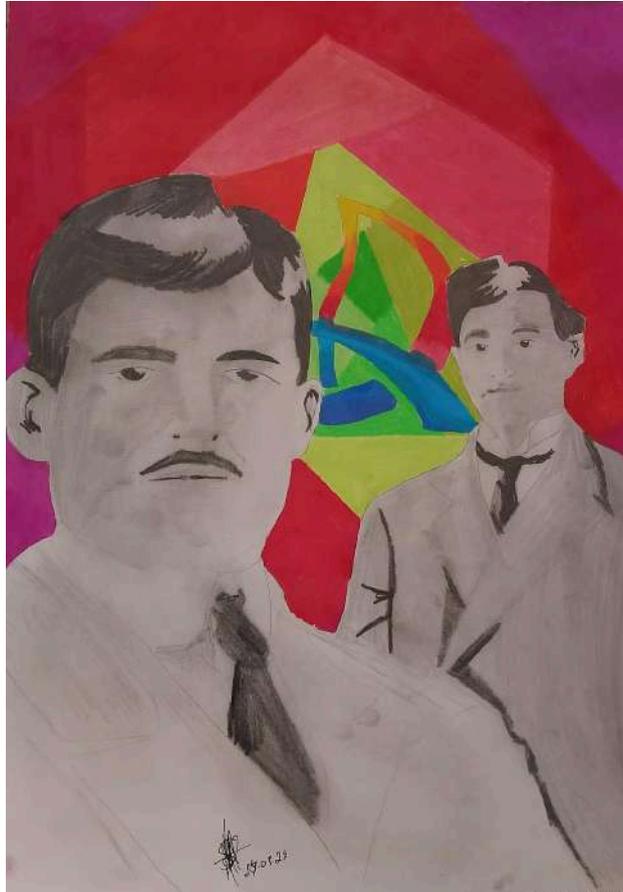
Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 15: Releitura do desenho de São João feito por um aluno do ensino médio



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Imagem 16: Gunnar Vingren e Daniel Berg fundadores da assembleia de Deus no Brasil



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 17: Releitura do desenho dos fundadores da assembleia por uma aluna do ensino médio



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Imagem 18: Indígina a observar



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 19: texto de uma aluna do ensino médio sobre a imagem

Religião

Essa arte traz uma sensação de mistério, adrenalina, medo e traz uma sensação de querer descobrir o caso dele, e saber a história dele.

Debara 2º Médio

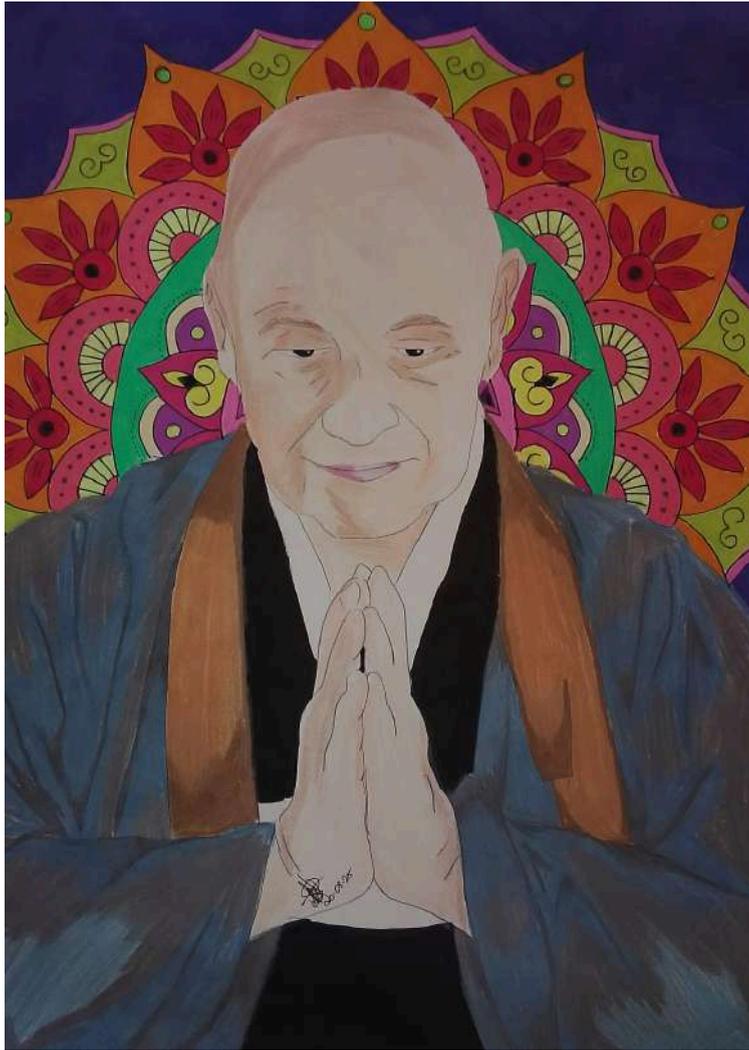
Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Imagem 20: Releitura sobre o desenho do indígina feito por um aluno do ensino médio.



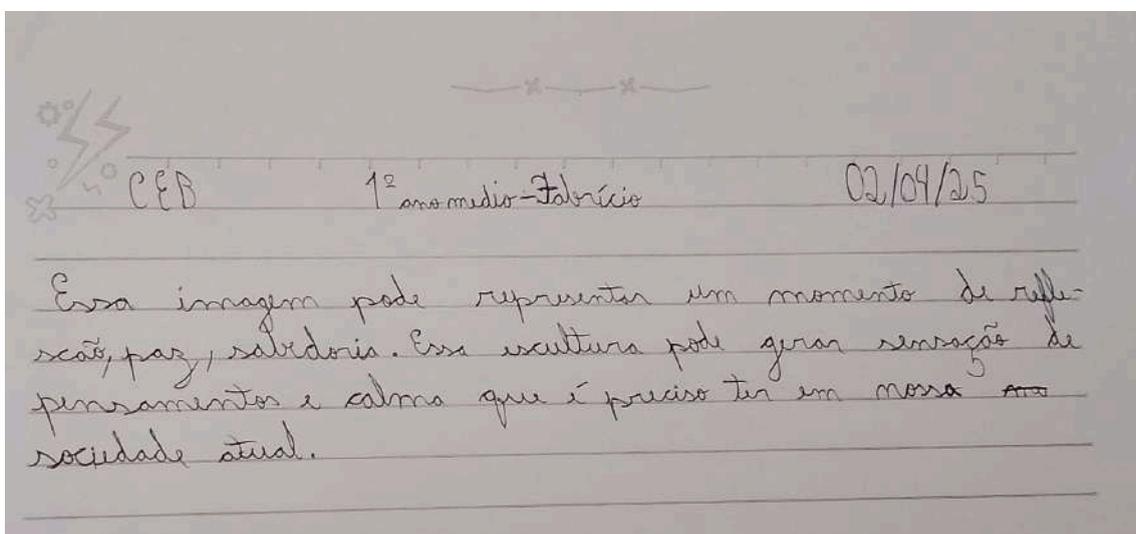
Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Imagem 21: Desenho da Monja Coen



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 22: Texto que expressa a imagem da Monja Coen feito por um aluno do ensino médio



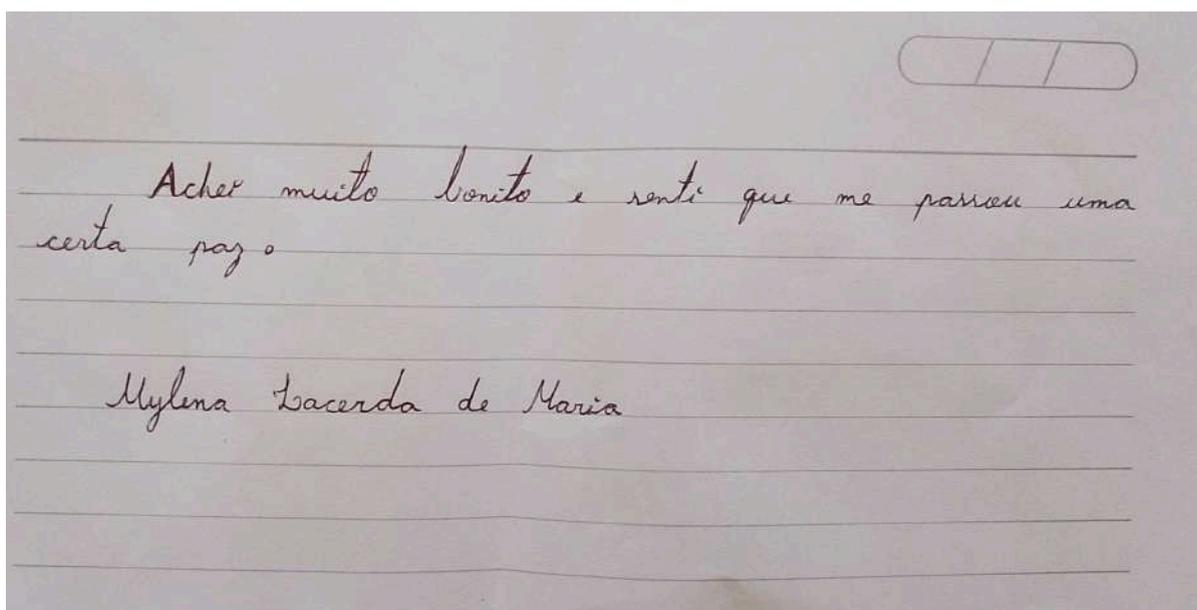
Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Imagem 23: Desenho de Mãe Rita Preta rodeada de Oya e Oxalá



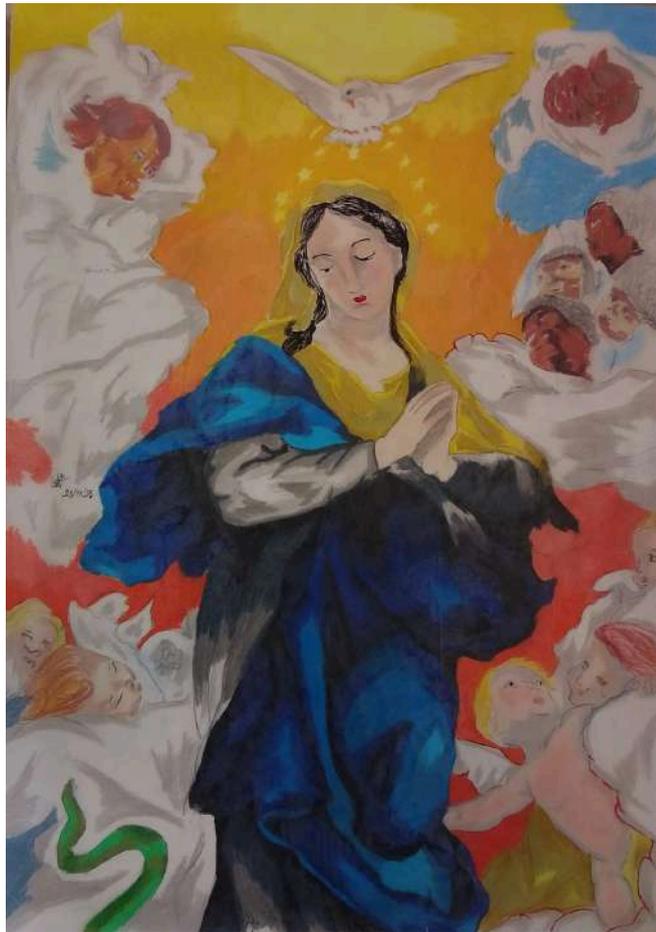
Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 24: Texto sobre a imagem de Mãe Rita feito por uma aluno do ensino médio



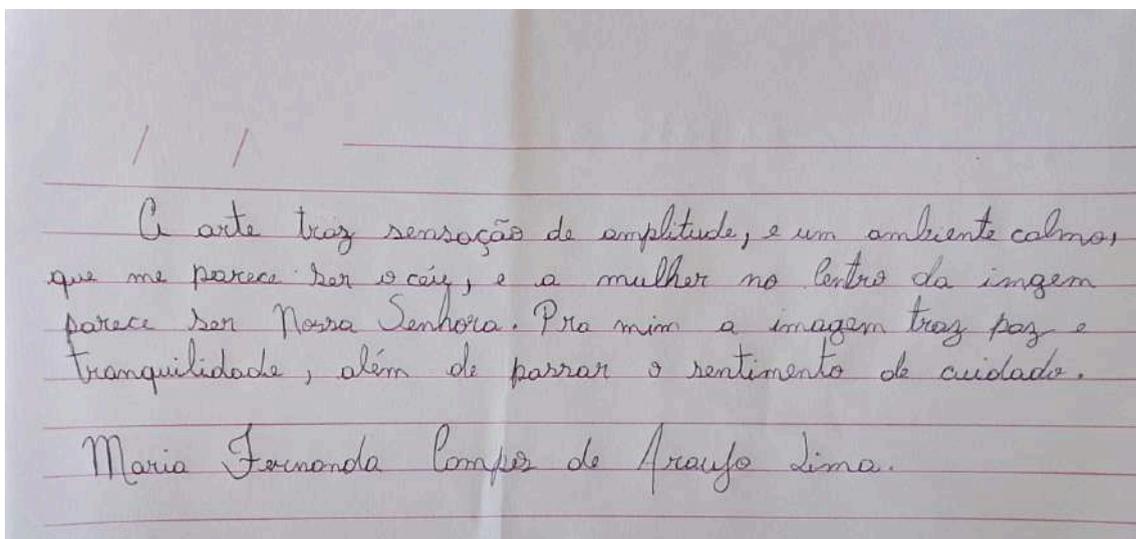
Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Imagem 25: Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 26: texto sobre a imagem de Nossa Senhora da Conceição feita por um aluno do ensino médio



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Imagem 27: Desenho da fuga da família de Nazaré para o Egito



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Imagem 28: Texto de uma aluna do ensino médio sobre o desenho da fuga da família de Nazaré

Achei um desenho lindo, que transmite um amor onde mostra a principal família da bíblia, Jesus, José e Maria.

Julia Ramos Andrade

Fonte: Dados da pesquisa, 2025

As imagens que aparecem são frutos da prática de produção de material didático realizado para esta pesquisa, mostrando que sim é possível que os alunos produzam material didático voltado aos seus pares, mas com a mediação de um professor para assim orientar a atividade, beneficiando ambas as partes.

O objetivo dessa dinâmica para este material, foi inicialmente deixar eles livres na escolhas dos alunos, percebeu que eles escolheram a maior parte pela quantidade de detalhes, ou por um certo grau de proximidade, mas após a produção quando foi detalhado o significado, também houve estranhamento, ocorrendo inicialmente um certo grau de intolerância religiosa em alguns casos.

Mas foi nítido que os próprios quando falaram e escreveram sobre o mesmo desenho até replicaram, notaram algo diferente, estando então cientes tanto das atitudes, quando o que escreveram, perceberam que o estranhamento tinha passado e agora eles entendiam o motivo da arte ser assim, e iniciaram um processo de respeito pela religiosidade, entendendo que pode existir um diálogo com as diversidades, a demonstrar que fazem deles únicos e as diversidades que tem em sala.

Imagem 29: Imagens produzida em conjunto professora, estagiario e alunos do ensino fundamental; no quadro negro com base a musica aquarela de toquinho (estágio supervisionado VI).



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Imagem 30: Desenho produzido pela aluna do ensino fundamental, na regência do estágio IV, qual indagava a sua trajetória e o que via de religioso no caminho.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Imagem 31 e 32: Estágio supervisionado IV segunda regência, na visão da criança do ensino fundamental, o que era o mundo em desenhos





Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Nas imagens finais, ver uma pré aplicação em estágio com o fundamental I, mostrando que o ensino religioso pode influenciar o imaginário da criança, fazendo e incentivando a participação de forma lúdica e didática.

Demonstrando a trans e interdisciplinaridade é possível no ensino religioso, sem perder o objeto de estudo, propondo um diálogo sem perder a essência, prevendo a produção de material pelos próprios alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resultado desse relato de experiência/pesquisa, está na centralidade do trabalho interdisciplinar entre os dois componentes curriculares, arte e ensino religioso, que aponta em um certo grau de unidade, mas com sua independência cada qual, gerando a construção material didático.

Com efeito, o objetivo geral foi alcançado, demonstrar como a arte de fazer desenhos pode ser útil para o Ensino Religioso escolar, tanto como material didático, quanto ponto de partida para o diálogo que vise fomentar atividades criativas. Isso se deu pelo relato de algumas experiências de sala de aula com o uso de desenhos artísticos em transposição didática e a

compreensão dos desenhos de criações diversas e suas conexões com elementos do Ensino Religioso.

Neste trabalho, foi possível apontar a questão do uso de desenhos, como material didático, enquanto resultado de um processo de transposição didática, de forma a atingir as habilidades exigida, aos conteúdos programados da BNCC para o ensino religioso.

Novamente a questão do material didático, que será produzido pelo aluno por incentivo do professor, a qual o docente se beneficia, de tal maneira que poderá usar em outras salas, com pouco a quase nenhum custo, ocasionando assim a participação do aluno no processo de aprendizagem.

O professor, de acordo com que foi apontado em todo texto, ele é um indivíduo que pode ser considerado uma “ponte” entre o aluno e o conteúdo, nunca o detentor, mas um facilitador, para questões voltadas a área do conhecimento, mas que tem sua relevância. Aqui mostra-se a importância desse personagem na trajetória de uma pessoa.

Como já citado no texto, o desenho é o primeiro contato do ser humano ao mundo das artes, e o professor também com a sociedade, então juntando essas duas figuras, para que o ensino religioso possa ser, de fato, vivenciado em seu cotidiano, com o respeito e a tolerância que merece, será algo bem produtivo que pode gerar bons resultados.

O uso do material didático, produzido para uso durante as aulas, dentro dos planejamentos, se encontra na produção a/r/tográfica, que já se foi comentado no texto, de caráter pedagógico, que unem teoria e a prática, na aplicabilidade da arte em expressar.

A problemática central do texto aponta o encontro entre o aluno e seu eu criança, na questão dos desenhos, a abertura para sua imaginação, que transcende a censura do homem adulto.

A tríplice ideia da a/r/tografia é muito útil em sala de aula, na área de ensino religioso, na visão de o professor se redescobrir, e encontrar outros meios para dialogar em sala, na perspectiva do desenho, colocando a centralidade na figura do aluno.

É no “chão” da sala, no diálogo entre aqueles que devemos demonstrar, que na realidade deles pode ser usado e visto, pois a prática forma o indivíduo, em conjunto com as teorias.

A necessidade é o que forma, verdadeiramente, o professor, por isso a importância dos estágios supervisionados aos alunos de graduação em licenciatura, com ênfase ao profissional de ensino religioso, para a experiência prévia da vida profissional no mercado que irá adentrar, com todos os desafios e limitações. A prática é ter o espaço de se expressar nas regências, a qual demonstra a atividade exercida em todo período do curso, a práxis educacional na área a ser exercida.

No estágio que de certa forma, o licenciado se prepara para a sala de aula e as problemáticas a serem enfrentadas em sua prática na docência, e a junção da teoria, se tornando em oportunidades únicas que apresenta os conteúdos na linguagem dos discentes.

O ensino religioso, é colocado em sua extrema importância de valorização ao diálogo, não só com as religiões, mas também com os demais componentes curriculares, apontando para sua função primordial que é o diálogo.

Com os objetivos do texto o uso lúdico dos desenhos para transmitir as habilidades que são solicitadas nos currículos escolares; ou também no uso da BNCC ou PCPB; dessa forma, os movimentos artísticos, não estão presos ao componente curricular de arte, mas cada área pode usar e valorizar a mesma. Por esses motivos que o professor de Ensino Religioso pode se comunicar bem na teoria da *andragogia*, como professor; em sua função mediadora em sala de aula e sua causa primeira de diálogo entre as várias religiões, que demonstra o estudo desses fenômenos, com as curiosidades das crianças, jovens e adultos.

Fortalecendo o tripé dessa teoria, é apontada, principalmente, quando o professor também é artista, que pode unir com a pesquisa em sala, na qual o profissional marca de forma positiva os alunos.

Todo professor é um pesquisador nato, do objeto educação, visto que está em campo e pode verificar que a teoria está sendo aprendida, no que é abordado e como pode ajudar a conquistar o que é planejado.

Em muitos, os profissionais têm uma dote artístico, que pode ser utilizado, como falado várias vezes na criação de material didático e o auxílio em sala de aula, com as habilidades exigidas. E nessa tríade que se encontra o profissional de ensino religioso, professor/pesquisador/artista. Quiçá o curso de

Ciência das Religiões se volta a um novo olhar para essa questão, auxiliando aos licenciandos para a questão de criação de material didático.

O desenho é um reencontro com o interno do indivíduo, adulto que encontra a criança interior; é um trabalho que transcende no papel tudo aquilo que a imaginação quer repassar, somente palavras não chegarão a dizer o que verdadeiramente se passa naquele momento, no caso em sala de aula.

Com este movimento artístico transforma o pensamento em uma saída, para um mundo de imaginação, se assemelhando a uma conexão divina, que não se percebe quando e como o tempo passa. Sendo assim, a importância da conexão entre artista/professor/pesquisador, que auxilia o aluno no seu protagonismo, no caso dos desenhos, produzindo uma nova criação sendo agora criador.

De um novo pensamento que floresce em uma estrutura dura e escassa que é a vida, fazendo assim que o conhecimento seja o adubo para trabalhar em conjunto a criatividade, demonstrando que com o uso da a/r/tografia, o diálogo e a produção de material didático entre Ensino Religioso e Arte é possível.

6. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** - Lisboa: edições 70, janeiro de 2002. Disponível em: https://www.oxnar.com.br/aulas/aula30102023/BARDIN_L_1977_Analise_de_c_onteudo_Lisboa.pdf Acesso em: 26 abr de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular ensino religioso**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://alex.pro.br/BNCC%20Ensino%20Religioso.pdf> Acesso em: 26 abr. 2025.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. **ANÁLISE DE CONTEÚDO: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método**. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/10000/10871> Acesso em: 26 abr. 2025.

COSTA, Robson Xavier da; SILVA, Maria Betânia. **Investigação em/sobre artes visuais: artista/pesquisador/professor**. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/robson_xavier_da_costa_maria_betânia_e_silva.pdf Acesso em: 26 fev. 2025.

DIAS, Belidson; **Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/mestradoartesvisuais/files/2018/06/belidson.pdf>
Acesso em: 26 fev. 2025.

FAZENDA, Ivani; **DIDÁTICA E INTERDISCIPLINARIDADE**. Disponível em: <https://educfacil.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/11/ivani-fazenda-didc3a1tica-e-interdisciplinaridade.pdf> Acesso em 08 maio 2025.

FLOYD, Pink. **Another brinck in the wall**. *In*: The wall: Harvest Records, 1979. Faixa 01.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** - 74º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GIL, Antônio Carlos; **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002. Disponível em: [GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.. — Maurício Façanha](#) acesso em: 26 abr. 2025.

HOLMES, Maria José Torres; **Ensino religioso: esperança e desafios - reflexões da práxis do cotidiano escolar**. Florianópolis: Saberes em Diálogos, 2016.

KAUFMANN, Fritz. Arte e Religião. **Revista da Abordagem Gestáltica**: Phenomenological Studies, v. XIX, n. 2, julho-diciembre, 2013, pp. 243-246 Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia, Goiânia, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735519013.pdf> acesso em: 24 fev. 2025.

MOURA, Guido; FABRIZIO, Maurizio; Toquinho; MORAES, Vinicius de Moraes. **Aquarela**. *In*: Aquarela: Ariola, 1983. Faixa 07.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.); **Compêndio de ciências da religião**. São Paulo: Paulinas/ paulus, 2013.

PARAÍBA. Secretaria estadual de educação. **Proposta Curricular da Paraíba**. João Pessoa: 2020. Disponível em: [Proposta Curricular do Estado da Paraíba - Educação Infantil e Ensino Fundamental.pdf - Google Drive](#) Acesso em: 30 abr. 2025.

POLIDORO, Lurdes de Fátima; STIGAR, Robson. **A Transposição Didática: a passagem do saber científico para o saber escolar**: Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano VI, n. 27, pp. 153 -159 Disponível em: https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao_20200709200438.pdf Acesso em 09 maio. 2025.